

DOI: [10.20396/rfe.v14i3.8674893](https://doi.org/10.20396/rfe.v14i3.8674893)

Os salesianos e o processo civilizador por meio da educação no antigo sul de Mato Grosso

Alana de Oliveira Barbosa¹Elizandro Chaves de Oliveira²William Robson Cazavechia³

Resumo

O presente artigo analisa o crescimento das instituições escolares salesianas no Antigo Sul de Mato Grosso no final do século XIX e início do XX e o ideal de um processo civilizador educacional, empreendido pela Igreja Católica, protagonizado pela congregação salesiana, a qual atuou para assegurar prerrogativas educacionais, ao passo que o Estado brasileiro se laicizava. A análise terá como suporte bibliográfico os postulados de Riolando Azzi (1982), que, em sua obra *Os salesianos no Brasil à luz da História*, destaca o papel exercido pelo Manual Civilizador dos salesianos. Como aporte teórico, enfatizamos a obra de Norbert Elias (1994), *O processo civilizador*.

Palavras-Chave: Colégios Confessionais. Manuais. Catolicismo. Docilização dos corpos.

Abstract

This article analyses the growth of Salesian school institutions in the Old South of Mato Grosso in the late 19th and early 20th centuries and the ideal of an educational civilizing process undertaken by the Catholic Church, led by the Salesian congregation, which acted

¹Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre em Educação pela UEMS-Paranaíba (financiamento CAPES). Especialista em Revoluções e Movimentos Sociais pela UEM- Maringá. Graduada em História pela UFMS- Nova Andradina. E-mail: ala_ol@hotmail.com

²Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), na linha de pesquisa História da educação, políticas e práticas pedagógicas. Mestre e graduado em História pela da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: elizandradeoliveira@gmail.com

³ Pós Doutor e Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre em Educação pela mesma Universidade. Pós-graduado em Docência no Ensino Superior. Possui bacharelado em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (CESUMAR). Licenciatura em Filosofia e Pedagogia pela Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: cazavechia.william@hotmail.com

to ensure educational prerogatives, while the Brazilian state was becoming secularized. The analysis will be supported by the bibliography of Riolando Azzi (1982), who, in his work *The Salesians in Brazil in the Light of History*, highlights the role played by the Salesians Civilizing Manual. As a theoretical contribution, we emphasize the work of Norbert Elias (1994), *The Civilizing Process*.

Keywords: Confessional Schools. Manuals. Catholicism. Body docilization.

A perspectiva teórica

Como ponto de partida, destacamos o aporte teórico oferecido pela teoria dos processos civilizadores de Norbert Elias, ao tratamento de nosso objeto de estudo. Salientamos a contribuição de seu trabalho, ao nos oferecer conceitos que auxiliam a considerar uma perspectiva histórica de longo prazo, enfatizando um movimento de interação entre sujeitos e sociedade em um processo no qual estruturas emocionais incorporam controles institucionais cada vez maiores e se modificam de acordo com as transformações sociais. Consideramos essa dinâmica educacional um fundamento do processo civilizador teorizado pelo autor.

Norbert Elias foi um sociólogo alemão que se dedicou a importantes questões concernentes ao campo das Ciências Humanas durante o século XX. Seus trabalhos estiveram engajados no tratamento de uma sociologia de cunho empírico, procurando estabelecer um paradigma propriamente científico para essa área do conhecimento. Isso se realizaria na medida em que duas características que passassem a fazer parte das teorias sociológicas fossem verificáveis e emendáveis, ou seja, elas deveriam ser construídas de modo que os procedimentos e dados utilizados para se chegar às teorizações ficassem expostos, e as conclusões deveriam ser passíveis de críticas e reelaborações, capazes de contribuir com um conhecimento progressivo sobre as sociedades e os homens (Elias, 2001).

A compreensão de uma sociologia cientificamente constituída nos moldes de um paradigma das ciências naturais e médicas se vincula a outra preocupação que permeou o projeto teórico de Elias, isto é, contrapor-se a visões sociológicas imbricadas com concepções políticas, que eram compreendidas como ideológicas.

Esse modelo teórico então elaborado correspondia igualmente a meu desejo de demonstrar – não apenas com a ajuda de conceitos gerais, mas com resultados de pesquisa tangíveis – que é possível desenvolver teorias sociológicas que não mais se inscrevem no leque dos partidos políticos e dos ideais sociais da época (Elias, 2001, p. 147).

Nesse sentido, sua concepção acerca da cientificidade estaria fundamentada em uma oposição entre discurso político e discurso científico, apresentando-nos uma concepção permeada pela noção de neutralidade na produção do discurso científico.

Embora essa separação entre ciência e política seja algo bastante contestável hodiernamente, devemos considerar que Elias se voltava a uma problemática bastante candente no campo das teorias sociológicas do século XX e que estava diretamente associada ao embate de ênfases entre dois conceitos fundamentais das perspectivas políticas que o monopolizaram, ou seja, o de liberdade do indivíduo e o de determinação dos sujeitos pela coletividade. A resolução dessa oposição constitui o objeto de sua obra *O processo civilizador* e traz à baila o problema fundamental da obra de Elias que dialoga com o objeto deste trabalho e nos fornece conceitos para interpretar os processos educacionais (Elias, 1991).

Analisando os manuais de comportamento publicados na Europa entre os séculos XIV e XVI, com especial destaque para a obra de Herasmo de Roterdam, Elias buscou salientar como certos comportamentos, que durante séculos haviam sido considerados absolutamente comuns e normais, passaram a ser símbolos de repulsa e nojo. Sua abordagem explorava como modelos de conduta constituídos socialmente passavam a ditar as formas com que os sujeitos se comportavam e eram internalizados, gradativamente dispensando as práticas de coerção externas:

Mostramos como o controle efetuado através de terceiras pessoas e convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada (Elias, 1994b, p. 193-194).

Empreendendo a análise seu objeto, Elias realizou um procedimento muito próximo daquele dos historiadores: selecionou um conjunto de documentos que forneciam dados acerca do tema e os analisou em série, atestando os elementos que se

alteravam, as formas dessas alterações, bem como as categorias empregadas para se pensar os hábitos e comportamentos. Essa forma de proceder expressa a compreensão histórica que Elias tinha acerca dos processos sociais. De fato, os problemas da duração e da descontinuidade – problemas eminentemente atrelados à historiografia – estão no centro das preocupações expressas por Norbert Elias em seus textos:

O que aqui se coloca no tocante ao processo civilizador nada mais e do que o problema geral da mudança histórica. Tomada como um todo, essa mudança não foi “racionalmente” planejada, mas tampouco se reduziu ao aparecimento e desaparecimento aleatórios de modelos desordenados. Como teria sido isso possível? Como pode acontecer que surjam no Mundo humano formações sociais que nenhum ser isolado planejou e que, ainda assim, são tudo menos formações de nuvens, sem estabilidade ou estrutura? (Elias, 1994b, p. 194).

Assim procedendo, Elias elaborou suas conclusões de acordo com uma metodologia interdisciplinar e atestou um longo processo de internalização de regras e de adaptação dos sujeitos a esses comportamentos que se naturalizaram ao longo dos séculos (Elias, 1994a).

Algumas das características gerais desse processo explorado pelo sociólogo alemão são as da internalização de comportamentos considerados higiênicos e agradáveis, ao passo que hábitos identificados com um certo modo de vida espontâneo, símbolos de identidades de grupos locais e nacionais, foram absolutamente esquecidos e superados com a convivência dos próprios sujeitos e grupos que eram identificados por eles. Dessa forma, o modo de viver e de agir, que pertencia à sociedade da corte francesa do século XVII, gradativamente, estabeleceu-se como um padrão de bons modos e da maneira correta de comportamento por toda a Europa da Modernidade (Elias, 1994a).

Observamos como o papel da educação e das instituições educacionais se apresenta como fundamental para a realização desse processo civilizador. Certamente, pensando no contexto analisado por Elias – a Baixa Idade Média e início da Modernidade –, teríamos dificuldade em encontrar sistemas escolares articulados com a mesma eficiência que observamos hodiernamente. Contudo, foram exatamente esforços de caráter educacional que cumpriram com uma função primordial no contexto explorado por Elias, para que ocorresse a prevalência de um certo modo de comportamento sobre outros – pensemos nos manuais de bons comportamentos, cujo

objetivo era justamente oferecer um modelo de conduta aos jovens, que deveriam compreender o ideal de sujeito ali descrito e, gradativamente, adequar suas ações a ele. O próprio autor expressou a percepção das implicações de suas conclusões para o campo da educação:

[...] o processo específico de “crescimento” psicológico nas sociedades ocidentais, que com tanta frequência ocupa a mente de psicólogos e pedagogos modernos, nada mais é do que o processo civilizador individual a que todos os jovens, como resultado de um processo civilizador social operante durante muitos séculos, são automaticamente submetidos desde a mais tenra infância, em maior ou menor grau e com maior ou menor sucesso. A psicogênese do que constitui o adulto na sociedade civilizada não pode, por isso mesmo, ser compreendida se estuda da independentemente da sociogênese de nossa “civilização” (Elias, 1994a, p. 15).

Nesse sentido, o modelo de análise proposto por Elias apresenta importantes asserções acerca da relação entre a apreensão de normas de conduta por parte dos sujeitos e os procedimentos de desenvolvimento e circulação delas, considerando-se as técnicas e instituições dedicadas às tarefas de difusão dos paradigmas civilizacionais. É sobretudo nesse ponto da tese Elisiana que identificamos proposições capazes de nos orientar teoricamente quanto ao modelo de intervenção educacional empreendida pela ordem dos Salesianos na região sul do antigo estado do Mato Grosso, dado que, como observaremos adiante, os sujeitos que coordenaram as ações do projeto educacional salesiano nessa área se pautaram em um ideal de conduta bastante específico e, simultaneamente, ampararam-se em procedimentos pedagógicos dedicados à progressiva naturalização de normas de comportamento pelos indivíduos que deveriam passar pelo seu crivo.

O contexto do século XIX: Igreja e educação

Um dos elementos fundamentais para a compreensão desse processo é a expansão dos salesianos no Antigo do Sul de Mato Grosso, buscando entender o motivo da sua presença nesse território. No mesmo sentido, devemos compreender os procedimentos relacionados ao *sistema preventivo* e seus efeitos internos no espaço escolar salesiano. Como fonte, abordamos o *Manual Civilizador*, citado na obra de Riolando Azzi (2000).

No contexto do século XIX, a Igreja Católica realizou fortes investimentos em educação e, como reação à perda de espaços geográficos, políticos e simbólicos, houve o crescimento de um processo de centralização do poder nas mãos do papado. Estabeleceu-se, como programa da sede Romana, a realização do aumento de nomeações de padres e bispos fiéis à Santa Sé, o combate às tendências regionais, a promoção da observação do direito canônico, tal como ensinado em Roma, e a criação das Dioceses e de inúmeras congregações religiosas, especialmente aquelas constituídas por mulheres. O Brasil e as recentes repúblicas da América Latina foram foco da política do papado, que via a possibilidade de constituí-las como repúblicas católicas (Azzi, 1982).

É nesse cenário de expansão das congregações no Brasil que os religiosos Salesianos chegaram à região do Antigo Sul de Mato Grosso, que, segundo o que se acreditava, vivia sob uma tradição leiga, devido à ausência de padres, o que dificultava o atendimento nos padrões propostos pela Igreja no século XX. Nessa circunstância, tomaram consciência de como era evidente a necessidade de um trabalho apostólico e evangelizador. Para tanto, mantiveram-se focados em atividades de atendimento paroquial e direcionadas à comunidade, ao oratório e ao colégio.

Nesse ínterim, buscamos abordar o desenvolvimento de uma missão educadora/civilizadora dos Salesianos no Antigo Sul de Mato Grosso durante o final dos séculos XIX e XX. Ao considerarmos as intenções de civilização que são apresentadas no projeto de implantação de um sistema educacional Salesiano nessa região, não apenas buscamos compreender a extensão de uma instituição por um território específico, mas observamos o estabelecimento de um *modus vivendi* como adequado ao quadro de sujeitos pertencentes a uma sociedade em vias de integração em um sistema de relações sociais de produção capitalista e burguês, cujo horizonte de modificações obrigava a estabelecer, como meta, o enquadramento de uma parcela populacional, na qual o modo de vida e comportamento não havia sido ainda cooptado para esse sistema.

A trajetória dos Salesianos no Brasil se iniciou com a sua chegada no século XIX ao porto do Rio de Janeiro, em 14 de julho de 1883, e prosseguiu com a sua expansão por outros estados, como São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. A Congregação Salesiana é considerada uma instituição de serviço, com forte incidência educativa e religiosa; portanto, a sua finalidade primordial era a de civilizar por meio da educação e da evangelização, focando nos jovens do país.

O sistema educacional brasileiro teve, durante muito tempo, um caráter essencialmente dualista, entre instituições pagas e gratuitas, com a educação dos pobres sendo elementar e vocacional, enquanto a dos favorecidos, essencialmente acadêmica, era entendida como a única rota de acesso aos estudos superiores (Burke, 2004). Os salesianos fundaram os colégios voltados para a formação intelectual, moral, religiosa e social, frequentados, em sua maioria, pelos filhos da elite; para as camadas médias e pobres, existiam os oratórios e liceus de artes e ofícios ou escolas profissionais, as escolas agrícolas e escolas noturnas, destinadas a uma educação preocupada com formação religiosa, moral e comportamental.

De acordo com Boto (2010, p. 37):

Funcionavam como passaporte para o mundo dos adultos, isto é, estratégias escolares de instrução, formação e civilização instituem maneiras de preparar a infância e a adolescência para habilidades e saberes que lhe serão, por suposto, requeridos na vida adulta.

Esses espaços escolares tinham a responsabilidade não de apenas transmitir conhecimentos acadêmicos, mas também de preparar os jovens para as habilidades, conhecimentos e comportamentos necessários à vida adulta, tendo grande influência no tipo de pessoas que iriam compor a sociedade.

Os salesianos no Antigo Sul de Mato Grosso

Objetiva-se discorrer acerca da história da instalação dos salesianos no Antigo Sul de Mato Grosso, a partir da chegada em Mato Grosso, até a expansão a municípios de Mato Grosso do Sul, que, no período, era uma região pertencente a Mato Grosso. Ainda não ocorrera, então, a divisão da região em duas unidades da federação, quando a parte Norte foi nomeada de Mato Grosso, e a parte Sul de Mato Grosso do Sul⁴.

A história da Missão Salesiana em Mato Grosso começa em 18 de junho de 1894. Chega ao porto de Cuiabá o primeiro grupo de salesianos, formado por três padres: Antônio Malan, José Solari e Arthur Castells, um clérigo, Agostinho Colli, e um irmão coadjutor, João Batista Ruffier. Estes estavam acompanhados por Dom Luiz Lasagna,

4 O estado de Mato Grosso do Sul foi criado durante o governo Ernesto Geisel pela Lei Complementar n. 31, de 11 de outubro de 1977, com implantação em 11 de outubro de 1979.

Bispo Titular de Trípoli e superior da Obra Salesiana do Uruguai e do Brasil, com seu secretário, Pe. João Balzola. Pelo interesse dos salesianos em iniciar suas ações no Oeste brasileiro, em maio de 1894, o primeiro grupo de salesianos, liderado por Dom Lasagna, embarcava para Mato Grosso e, ao chegar a Cuiabá no dia 18 de junho, foi recebido pelo próprio governador. No mesmo dia, a diocese informava que chegaram os missionários, conforme a solicitação feita pelo governador do estado (Francisco, 2010). É quando fica clara a parceria educacional entre estado de Mato Grosso e a iniciativa privada religiosa.

Francisco (2010) elucida que, no esforço do governador em conquistar a confiança do religioso, a dirigente objetiva a catequização dos índios e a evangelização da população rural. Percebe-se, também, a sua ideia de regeneração étnica, esperando, nos trabalhos dos salesianos, o tom civilizatório em relação à população indígena. A intenção do governador, na evangelização dos indígenas, era devido à vinda dos imigrantes para o trabalho agrícola como medida de modernização da economia do estado, conforme explicitado por Francisco (2010).

É reconhecido confiar a missionários religiosos a catequese de índios existentes neste estado, porque tal serviço além de se caráter humanitário e civilizador, ainda atende de perto com a segurança e tranquilidade da indústria agrícola entre nós, qual não poderá medrar, enquanto viver sobressaltada pelas correrias e ataques dos silvícolas (Ofício n. 163., 1891 *apud* Francisco, 2010, p. 106).

Nessas circunstâncias, os salesianos chegaram a Cuiabá e observamos que, gradativamente, conscientizaram-se da necessidade de um trabalho apostólico em toda região. Mantiveram-se fortemente focados em suas atividades de atendimento paroquial, voltadas ao oratório e ao colégio, mediante uma educação cristã católica.

Ademais, o Antigo Sul de Mato Grosso não foi diferente dos outros estados em que atuaram, haja vista que o governo deixou a educação nas mãos dos ensinos confessionais. Nesse contexto, criou-se o Convênio entre o estado de Mato Grosso e a Missão Salesiana, favorecendo a expansão da cobertura de educação aos alunos que ingressaram nesses colégios já em funcionamento.

O projeto institucional dos Salesianos para o Antigo Sul de Mato Grosso era preparar os meninos que tinham passado a infância em liberdade em sítios ou fazendas para o ingresso na sociedade urbana regida pelos padrões ocidentais.

Elemento importante sobre os salesianos na região de Mato Grosso, era esse noviciado para a vida urbana eram as aulas de boas maneiras ou de urbanidade. Os alunos deveriam perder seus hábitos de rusticidade, e aprender os bons modos de civilidade. Algumas normas diziam respeito ao modo de se vestir adequadamente, usando paletó e gravata, sapato e meia, recomendava-se um comportamento decente, evitando atitudes ou expressões próprias da linguagem da roça (Azzi, 2002, p. 120).

Vemos, portanto, que se desenhava uma oposição no plano conceitual entre o modo de vida civilizado e aquele vinculado ao modo de vida mais livre e desregrado. Os elementos de regulação das normas referidas e de exercício da civilidade não são outros que os da contenção dos hábitos definidos como rústicos e identificados com o modo de vida local, da adesão a um modo de se vestir, considerado adequado à dignidade do sujeito – mesmo que possamos ponderar o incômodo de uma indumentária desse tipo em um ambiente quente e úmido –, bem como da eliminação dos traços linguísticos locais, diferentes da norma culta. Tal como descreve Norbert Elias (1994a), acerca dos manuais de comportamento do final da Idade Média e início da Modernidade, observamos que a definição da civilidade se vincula a um padrão social apreendido convencionalmente como correto e que deve ser incutido na psique dos sujeitos por meio da regulação de seus comportamentos.

De acordo com Azzi (1982), a sociedade salesiana teria, por fim, a educação moral e a instrução primária, secundária, artística e profissional da mocidade, especialmente da classe média e mais necessitada, e da infância desvalida. Francisco (2010, p. 53) destaca os elementos específicos dessa oposição entre urbanidade e rusticidade:

Esses meninos, cuja infância foi marcada pela liberdade dos campos, deveriam também ser educados em padrões de conduta mais regrados, a fim de inserir-se com mais facilidade na sociedade urbana em formação. Em outras palavras, deveriam perder os hábitos de rusticidade, para imbuir-se dos modos de comportamento típicos da vida civilizada.

Ao entrar para uma instituição salesiana, cada aluno recebia um exemplar d' *O Manual de Civilidade para o uso da Mocidade*, o qual continha uma série de normas que formavam a base de regras e expressavam as noções associadas à conduta considerada adequada. Juntamente do manual, os alunos recebiam outros documentos

que constavam regras, como os horários e manuais de oração. Esses documentos deveriam ser memorizados e, quando solicitado por algum superior, as suas regras deveriam ser verbalizadas pelo aluno.

A memorização do manual, certamente, era uma das estratégias para incutir o perfil específico de comportamento que os sujeitos submetidos à educação Salesiana deveriam desenvolver. A imagem discursiva deveria, portanto, ser clara e facilitar o processo:

Civil é o menino que guarda uma posição natural quando está de pé, descansa o peso do corpo igualmente sobre as duas pernas, tem a cabeça de prumo e levemente inclinada para frente, com os pés, quase juntos pelos calcanhares, mas bastante abertos, nas pontas.

Rústico é o menino incapaz de andar sem fazer muito ruído, que não sabe lavar o rosto nem as mãos, logo a levantar, que emprega a saliva para tirar manchas, que passa facilmente as mãos no rosto ou coça a cabeça em público que palita os dentes com os dedos, ou olha o lenço depois assoar o nariz.

Polido é o aluno que permanece quieto num banco a fim de não molestar os companheiros, impolido é o que faz oscilar o banco nas mesmas ocasiões, e assim perturba os colegas (Azzi, 2000, p. 17).

A passagem supracitada expressa o modelo rígido e formal de comportamento evidenciado no *Pequeno Manual de Civilidade para o uso da Mocidade*. Podemos entender a oposição apresentada entre o *menino civil* e o *menino rústico* como produtora de uma imagem mental, cujo objetivo seria a compreensão do comportamento adequado.

Por meio desse padrão comportamental a ser internalizado pelos sujeitos submetidos ao projeto educacional salesiano, a institucionalidade católica, embora mantivesse o discurso conservador, atuou na esfera educacional como modernizadora, facilitando a inserção do jovem na sociedade urbana e na cultura científica.

O sistema preventivo como estratégia para a internalização das normas

As normas educativas dos salesianos se apoiam no sistema preventivo, que se constitui por um conjunto de ensinamentos deixados por Dom Bosco e suas relações

com as práticas educativas. A palavra ‘Sistema’ é usada para englobar pressupostos e atitudes que sempre se julgou necessário estarem interligados, quando se tratava do agir educativo dos Salesianos. Ao mesmo tempo, tentou mostrar que uma modalidade educativa que tivesse por base a “repressão” jamais serviria para o exercício pedagógico, segundo suas intuições. Indicou o termo “preventivo” em oposição às posturas repressivas, por um lado, e, por outro, para indicar a qualificação das relações educativas entre os salesianos e os jovens: o Sistema Preventivo elaborado por Dom Bosco baseava-se – e se baseia até hoje – no tripé: razão, religião e *amorevolezza* (palavra italiana que pode ser traduzida como amor educativo) (Francisco, 2010).

Na afirmação de Dom Bosco, era principalmente nos quartéis que esse sistema tinha plena vigência (Azzi, 1982). O sistema preventivo prevê a orientação dos jovens para a prática do “bem”, acompanhando-os diligentemente para que não cometessem faltas. Em última análise, tratava-se de aplicar o princípio popular: “É melhor prevenir do que remediar”.

Ao passo que os superiores se incumbiam do dever da vigilância preventiva, aos educandos de Dom Bosco, reservava-se o direito de expandir totalmente sua “liberdade” nos recreios e nos passeios, permitindo-se que corressem, jogassem e gritassem. As atividades físicas e a competição em si eram muito estimuladas nos colégios da ordem (Azzi, 1982).

Além disso, os castigos corporais e dolorosos deveriam ser absolutamente eliminados. Na medida em que os educadores obtivessem a afeição dos seus alunos, bastaria um olhar ou uma palavra para que os alunos tomassem consciência de suas faltas e já se sentissem castigados com a perda do respeito de seus mestres (Azzi, 1982).

De acordo com Elias (1994a, p. 93):

Torna-se imediatamente claro que esta maneira polida, extremamente gentil e relativamente atenciosa de corrigir alguém, sobretudo quando exercida por um superior, é um meio muito mais forte de controle social, muito mais eficaz para inculcar hábitos duradouros do que o insulto, a zombaria ou ameaça de violência física.

Norbert Elias (1994a) apresenta o ser humano como apto a expor e absorver modos por intermédio de um método que prova uma modificação de comportamento e

emoções. O autor destaca que parte do processo civilizador ocorre com a formação de grupos distintos de outros grupos sociais. Quando se estrutura um novo pensamento social, podemos nos deparar com a aspiração do ser humano no que diz respeito à educação e, logo em seguida, nasce a demanda de se distinguir de outros membros sociais, por meio do processo de escolarização. Nesse sentido, toma relevância a mudança do hábito do homem, evidenciando o valor do pensamento científico, e os modelos de Estado e estrutura social.

Para arquitetar uma sociedade civilizada, é indispensável a educação como aparelho de intervenção educacional no processo civilizador. Isso está ligado diretamente ao domínio social, o modo como o ser humano lida com as suas emoções. Partindo desse olhar, a Instituição escolar desempenha o papel expressivo na construção da aculturação.

O sistema preventivo foi disseminado constantemente e em todo o sistema educacional pelos salesianos, no dia a dia, ora na oratória nas aulas, ora nas missas, mas, principalmente, por manuais destinados a alunos e professores que auxiliavam no processo de moldagem dos indivíduos, com vistas ao que se considerava o comportamento civilizado.

A missão salesiana acreditava que só o trabalho evangelizador dentro das Igrejas não era suficiente. Ele deveria ocupar outro espaço, trabalhando conjuntamente a mente e o espírito para o ideal do Catolicismo Ultramontano⁵ se manter. Como forma de combater a modernidade, o clero Ultramontano começa a fase de recristianização pelo mundo. Inserida no pensamento Ultramontano, a educação dos jovens se constituía em uma das principais tarefas, pois eles seriam os futuros da disseminação da Fé e dos preceitos religiosos católicos Ultramontanos.

5 “Em uma definição bastante esquemática, entende-se por catolicismo romanizado ou Ultramontano aquele catolicismo praticado em 1800 e 1960, nos pontificados de Pio VII e Pio XII, formando por um conjunto de atitudes teóricas e práticas, cujo eixo de sustentação se apoiava em: Reforço do Tradicional magistério, condenação a modernidade, centralização de todos os atos da Igreja em Roma e adoção do medievo como paradigma de organização social política e econômica. No Brasil, a vinculação com Roma fora muito débil no período colonial, pela reforma que a Igreja assumiu dentro do regime de Padroado. Mas a partir do século passado, especialmente por influência do novo espírito trazido pelos lazaristas, a Igreja do Brasil passa a proclamar sua adesão total ao Papa, tentando desvincular-se da dependência do Padroado Imperial. Esse cunho romanista que marca a renovação católica, representa uma opção consciente dos bispos reformadores. É para Roma que eles enviam seus melhores alunos e colaboradores, a fim de completar a formação sacerdotal, capacitando-se para a direção dos seminários se para o exercício da atividade de pastoral” (Manoel, 1996, p. 23).

Nessa perspectiva, cabe afirmar que as congregações religiosas responsáveis por promover a educação de jovens faziam parte do projeto Ultramontano para afastar os fiéis das ideias modernas e das propostas da educação laica. A escola se torna um espaço fértil para disseminar o ideal religioso da Missão que a Igreja Católica almejava para o Brasil, tentando inibir as ideias republicanas e o modernismo que afastava a população do catolicismo conservador.

Como consequência da separação entre Igreja e Estado, foi introduzido, no país, o ensino leigo. Assim, por falta de padres educadores nas escolas católicas, recorriam-se a professores leigos. Essa inovação foi combatida tenazmente pelos representantes salesianos intransigentes, como o Pe. Deschand, que, em seu livro *A situação atual da religião no Brasil*, salientava a marginalização política e social da Igreja, cultivada no antiliberalismo rígido e no fechamento sobre si mesma desde o segundo reinado, de maneira a fazer da inoperância social dos católicos uma espécie de mal crônico (Azzi, 2000).

De acordo com Deschand:

A laicidade do ensino é o mais violento vírus que se possa inocular a uma nação para corrompê-la, é mais perversa intenção do espírito do mal para a perdição da mocidade, é o maior perigo que ameaça a fé católica em nosso país, tal tese que sem rebuço sustento (Azzi, 2000, p. 18).

O manual civilizador descreve que a escola católica seria, para a Igreja, um meio privilegiado de formação integral do homem, um centro no qual se transmitisse um conceito específico de mundo, do homem e da história (Azzi, 1982). A educação integral deveria abranger a dimensão religiosa de maneira inseparável das demais, de modo a contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento dos outros aspectos da personalidade. Isso levou a que, preferivelmente, fossem contratados professores católicos:

Os salesianos trazem uma ideologia e buscam espaços para disseminá-la dentro da Igreja e dos colégios, é uma ação conjunta. Os colégios são vistos como o melhor espaço para disseminar um conceito, já que se trata do ambiente de formação de ideias, que serão passadas adiante, com o tempo e durante o processo de aprendizado. Esses ideais serão disseminados para a família e reforçados por meio de um sistema constante de doutrinação e vigilância, esses foram os preceitos

iniciais disseminados pela Congregação Salesiana nos lugares nos quais foram se instalando. Determinadas características do projeto pastoral sofreram alterações para melhor atender aos interesses do Estado (Azzi, 2002, p. 87).

O projeto pastoral, então, passou a ser exercido por todo corpo social para assegurar o bom funcionamento do Estado. O foco de interesse não era somente o indivíduo, mas a população. Na escola, há uma série de procedimentos de poder que asseguram a fabricação de indivíduos de determinado tipo. O sujeito é sempre o resultado de uma prática, ou seja, o sujeito é sempre fabricado.

Os salesianos receberam ordens expressas para a implantação de escolas profissionais e agrícolas, esse era o desejo dos bispos de diversos estados. Paralelamente ao ensino profissional, eles começaram a ministrar aulas nos cursos primários e secundários para alunos das classes médias, destinados a profissões liberais (Azzi, 2000, p. 63).

As regras e condutas para os alunos que estudam em colégios salesianos podem variar um pouco de uma instituição para outra, mas, geralmente, são fundamentadas nos princípios e valores da educação salesiana, que foram estabelecidos por São João Bosco, o fundador da ordem.

Como observa Afonso Castro (2015, p. 308), existem alguns aspectos comuns das regras e condutas em colégios salesianos:

Respeito e Valores Humanos: Os colégios salesianos enfatizam o respeito mútuo entre todos os membros da comunidade escolar. Isso inclui respeito aos colegas, professores, funcionários e à diversidade de origens culturais, religiosas e sociais.

Ética e Honestidade: Os alunos são incentivados a serem éticos e honestos em todos os aspectos de suas vidas escolares e pessoais. O plágio, a fraude acadêmica e outras formas de desonestidade não são tolerados.

Uniforme Escolar: Muitos colégios salesianos têm um código de vestimenta que inclui o uso de uniforme escolar. O objetivo é promover uma sensação de igualdade, identidade e pertencimento à comunidade escolar.

Participação Ativa: Os alunos são encorajados a participar ativamente nas atividades escolares, incluindo aulas, eventos extracurriculares, esportes e atividades sociais. Isso promove um ambiente de aprendizado completo e equilibrado.

Responsabilidade Acadêmica: Os alunos são incentivados a se esforçarem em seus estudos, buscarem a excelência acadêmica e a desenvolverem habilidades de estudo autônomo.

Espírito de Comunidade: Os colégios salesianos promovem um espírito de comunidade, colaboração e ajuda mútua entre os alunos. Atitudes de bullying, discriminação e exclusão são desencorajadas.

Participação em Atividades Sociais e Voluntariado: A educação salesiana também enfatiza a importância do serviço aos outros e do voluntariado. Os alunos podem ser incentivados a participar de projetos sociais, atividades de voluntariado e ações de solidariedade.

Respeito pelas Normas da Escola: Os alunos devem seguir as normas e regulamentos específicos da escola, que podem abranger aspectos como horários, uso das instalações escolares, comportamento em sala de aula, entre outros.

Espiritualidade e Valores Religiosos: Os colégios salesianos são frequentemente associados à religião católica e, portanto, podem promover a participação dos alunos em atividades religiosas, como missas, orações e momentos de reflexão.

A comunidade dos salesianos dos Colégios mantinha uma série de atividades pastorais, que eram incorporadas às atividades paroquiais em sua natureza de evangelização e de sustentação da vida religiosa das crianças, dos jovens e das famílias (Castro, 2015). Havia um alto teor de confiabilidade de todos nas atividades pedagógicas e pastorais. Os colégios salesianos se tornaram referência educativa tanto dos jovens homens como das moças, e essa postura prosseguiria na vida paroquial.

A finalidade perseguida era a mesma de outras congregações: a educação na moral católica, mas os meios se adequaram permanentemente a esse fim, complexificando as ações e tornando a trama cada vez mais espessa (Azzi, 1982).

Dessa maneira, os conteúdos curriculares da maioria dos colégios católicos, com princípio Ultramontano de que os jovens eram encaminhados, primavam por uma Educação que “permeia de valores religiosos, isso ia do vigiar os gestos dos jovens cuidadosamente construídos, que traçaram os contornos da civilidade na qual o jovem era inserido socialmente” (Camacho, 2005, p. 54).

Ao controlar o sistema educacional, a Igreja poderia, na verdade, monitorar o sistema de difusão de ideias. Se lhe era impossível controlar a produção do saber e circunscrever as ideias novas à sua doutrina, o domínio da educação escolar lhe dava a oportunidade de, ao menos, depurar a matéria de ensino, evitando, o quanto possível, a divulgação de ideias contrárias às suas teses e dogmas. Em virtude desse caráter institucionalizante, a Igreja no Brasil, ao lado de lutar arduamente contra a laicização do sistema educacional, organizou o seu próprio sistema de ensino.

Considerações finais

A Congregação Salesiana, uma ordem religiosa fundada no século XIX por Dom Bosco, tem desempenhado um papel fundamental na promoção do processo civilizador em diferentes comunidades ao redor do mundo. Por intermédio de sua dedicação à educação, formação profissional e valores religiosos, os Salesianos têm uma relevância significativa no processo do desenvolvimento de sociedades, como no Antigo Mato Grosso do Sul.

O conceito de processo civilizador, cunhado por Norbert Elias, refere-se à evolução social que envolve o estabelecimento de normas, valores e instituições que moldam comportamentos individuais e coletivos, resultando em uma sociedade mais organizada e regulada. A Congregação Salesiana abraça essa ideia ao adotar o sistema preventivo, para a educação e formação, visando não apenas ao desenvolvimento acadêmico, mas também ao crescimento moral e espiritual dos indivíduos.

Uma das contribuições mais notáveis dos Salesianos para o processo civilizador é a sua ênfase na educação de jovens, especialmente daqueles provenientes de contextos desfavorecidos e vulneráveis. Eles estabeleceram escolas, oratórios e centros de formação profissional. Ao fazê-lo, os Salesianos não apenas capacitam os jovens a serem membros produtivos da sociedade, mas também os civilizam por meio da religião e da educação.

A presença dos Salesianos em áreas marginalizadas e em situações de conflito também ilustra o seu compromisso com o processo civilizador. Ao proporcionar educação, assistência social e apoio emocional em regiões afetadas por adversidades, eles desempenham um papel crucial na transformação de ambientes problemáticos em

comunidades mais estáveis, tirando a responsabilidade do Estado, de maneira a realizar um ocultamento das desigualdades.

Quanto às normas morais e de comportamento, a Congregação exerceu uma influência importante no estabelecimento de normas morais e comportamentais na sociedade no Antigo Mato Grosso do Sul. Promovendo uma ética cristã e um modo de vida urbanizado, considerado civilizado, buscaram moldar a maneira como as pessoas se comportavam, interagiam e viviam suas vidas diárias. Por meio de sermões, ensinamentos e rituais, a Igreja incentivou a adesão a padrões de conduta que eram vistos como mais civilizados.

Em suma, os Salesianos desempenharam um papel imprescindível ao processo civilizador no Antigo Mato Grosso do Sul, influenciando-se por intermédio de normas, práticas educacionais, culturais e outras estratégias. Sua influência variou ao longo do tempo e em diferentes regiões, mas o seu impacto geral na formação da sociedade brasileira é inegável.

Referências

AZZI, Riolando. *Os salesianos no Brasil à luz da História*. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1982.

AZZI, Riolando. *A obra de Dom Bosco no Brasil*. Vol. I. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 2000.

AZZI, Riolando. *A obra de Dom Bosco no Brasil*. Vol. II. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 2002.

BOTO, Carlota. A racionalidade escolar como processo civilizador: a moral que captura almas. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, v. 23, n. 2, p. 35-72, 2010.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. História e Imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CAMACHO, Suzana Brunet. *Cadernos de segredos: marcas da educação católica na escrita íntima*. 2005. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CASTRO, Pe. Afonso. *História da Missão Salesiana de Mato Grosso 1894-2008*. Paróquia São João Bosco. Vol. I. Campinas: Editora UCDB, 2015.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma História dos Costumes*. Vol. I. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994a.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma História dos Costumes*. Vol. II. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994b.

ELIAS, Norbert. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

FRANCISCO, Adilson José. *Educação & Modernidade: os Salesianos em Mato Grosso (1894-1919)*. Cuiabá: Editora UFMT, 2010.

MANOEL, Ivan A. *Igreja e educação feminina: uma face do conservadorismo (1859-1959)*. São Paulo: Editora UNESP, 1996.